



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP

A promessa do amor: um estudo psicanalítico sobre a falta original
TCC em Psicologia

Pérola Pitta Rocha Giannini

Maceió - AL
2023

Pérola Pitta Rocha Giannini

A promessa do amor: um estudo psicanalítico sobre a falta original

Trabalho de conclusão de curso
da graduação em Psicologia na
Universidade Federal de Alagoas.
Orientadora: Prof. Dr. Susane
Vasconcelos Zanotti

A promessa do amor: um estudo psicanalítico sobre a falta original

PÉROLA PITTA

“Assim, pois, afirmo que o Amor é o mais antigo dos deuses, o mais honrado e o mais poderoso para a aquisição da virtude e da felicidade entre os homens, tanto em vida como após a morte” (PLATÃO, 2020, P.16).

Resumo

Os ideais do amor romântico vem declinando na sociedade contemporânea e deixando a mostra sua insuficiência em suprir todas as demandas dos sujeitos. Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo abordar a perspectiva psicanalítica do amor em sua relação com a falta original estruturante do sujeito e como o amor é utilizado na tentativa de completude, a partir da relação entre castração, amor e desejo. A falta se estrutura desde a inserção da criança no campo simbólico da linguagem e nenhum objeto será capaz de suprir seu desejo. Com isso, os relacionamentos se fragilizam ao tentar utilizar o amor como forma de preenchimento dos vazios. Ao considerar de que forma a castração e o amor se relacionam e como as estruturas psíquicas se estabelecem, é possível refletir sobre a ideia do amor ocupar o lugar de único objeto de desejo não ser mais compatível com as relações contemporâneas.

Introdução

A autora Lins (2017) aponta a mudança da mentalidade contemporânea, que é marcada pela busca da individualidade. Os sujeitos estão cada vez mais em busca de si mesmos, o que afeta diretamente nas formas de se relacionar. A preservação das individualidades vai de encontro ao ideal do amor romântico que foi instaurado em nossa cultura desde o século XX. Desde a década de 60 os movimentos de contracultura - hippie, feminista, gay -, aliados hoje aos novos espaços midiáticos, estão descobrindo novas possibilidades de relacionamentos amorosos e demonstrações de afeto (LINS, 2017).

O amor romântico despertou nas sociedades o ideal de completude, a esperança de encontrar no outro aquilo que lhe falta e satisfazer todas suas necessidades e desejos. As pessoas anseiam por esse encontro na expectativa de que dois se transformem em um e nada mais lhes faltará. Além disso, acredita-se que só é possível viver uma vida satisfatória e feliz com a conquista de uma relação amorosa fixa, exclusiva e duradoura. Tais crenças vem gerando sofrimento por gerações e desencadeia uma busca incessante pelo parceiro ideal (LINS, 2017).

O que vem sendo quebrado nos últimos tempos é o ideal de que o amor romântico é a única forma de se relacionar. A problemática do amor romântico é a idealização que projetamos no outro de como queríamos que ele fosse. Dessa forma, nos relacionamos com aquilo que inventamos para atender nossas necessidades, e não com a real personalidade da outra pessoa. Conseqüentemente, os relacionamentos não resistem à realidade do convívio, pois as idealizações não se sustentam por muito tempo, abrindo espaço para a frustração inevitável ao se deparar como ser humano real e não aquele que personificamos em nossas fantasias (LINS, 2017).

Com isso, Lacan (1992) afirma que os laços sociais se estabelecem por meio da linguagem, um campo falho e incompleto. E Freud (1930) reitera que os grupos sociais são capazes de existir mediante medidas de restrição impostas à satisfação pulsional sexual e agressiva. Assim, as limitações ao gozo promovem frustrações e dominam as relações sociais (TEIXEIRA E COUTO, 2010). De acordo com Ferreira (2004), a estrutura psíquica é constituída pelos campos simbólico, imaginário e real. Logo, entende-se a castração como a inserção do sujeito no real, que representa o campo do impossível. A autora então explica que amar impõem duas posições, a do sujeito (amante) e do objeto (amado), em que o sujeito carrega em si algo que falta e busca preencher no objeto.

Ao considerar a falta como parte da constituição da subjetividade humana, estabelece-se um paradoxo - apesar do amor proporcionar aparentemente a completude perdida, ele sempre será ilusório, pois o que falta no sujeito o objeto amado também não tem. Dessa forma, o homem sempre será sujeito de desejo (FERREIRA, 2004). Com a perda do objeto de satisfação primeira o sujeito se utiliza do amor para suprir a falta original do desejo e buscar a felicidade para sustentar o mal-estar próprio do ser humano. Para Lacan, o amor contém a suposição de um ser

no outro, na ilusão do significante o sujeito busca o amor para significar, ainda que superficial e provisoriamente, o desejo infinito (LEITE, 2005).

Diante disto, o presente trabalho tem como objetivo explicitar de que forma a psicanálise relaciona o amor à castração, ao desejo e à falta.

A falta

“Seu vazio tocou no meu vazio.
Meu vazio comeu o seu vazio.
Agora o seu vazio está em mim.
E o meu vazio está cheio
Do seu vazio.
E o seu vazio está vazio
Do meu vazio.
Há algo pior do que estar
Vazio de vazios?” (KUSS, 2017).

Ao contrário da natureza e dos animais irracionais, o homem é um ser de linguagem que anseia pela necessidade de significar o mundo ao seu redor. É a partir da capacidade de simbolizar do homem que se dá a aquisição da linguagem para a apreensão do mundo, em que o sujeito é capaz de dar forma às suas fantasias, sonhos e medos. No entanto, a programação mental humana é incompleta, logo a simbolização representa aquilo que falta (LONGO, 2006).

Pois justamente essa falha exigiu uma suplência: a linguagem, o símbolo. O que nos falta também nos impulsiona: já que falta, inventamos! Inventamos ficções, a ciência, a tecnologia e a arte, construímos e destruimos civilizações, poluímos e despoluímos o meio ambiente, solucionamos e criamos problemas. E nunca estamos satisfeitos, nunca paramos de desejar (LONGO, P.16, 2006).

O ser humano ao ser inserido no campo incompleto da linguagem se torna sujeito de desejo (LONGO, 2006) . A falta impulsiona as novas criações, as soluções de problemas, o desenvolvimento, porém não o suficiente para satisfazer o desejo. Assim, o símbolo assume a tentativa de preencher a lacuna ausente do homem insatisfeito. Dessa forma, Torezan e Aguiar (2011) concluem que o sujeito está inserido em um meio que não possui consciência da falta simbólica que o constitui, assim se torna suscetível a alienação de uma possível completude, que será sempre ilusória. Na psicanálise o desejo humano é desejo de desejo do Outro, ou seja, o

homem deseja ser reconhecido, amado e desejado pelo outro. Para Freud (1900) o desejo se caracteriza por um impulso de encontrar um objeto capaz de reproduzir a satisfação original, objeto este nunca encontrado, produtor de um vazio infundável.

Lacan em seu Seminário 4 (1995) aponta três operações que atravessam a relação sujeito x objeto por meio da inserção na linguagem, são eles a privação, a frustração e a castração. A privação é essencial para o homem na constituição da sua relação com o mundo. Sendo assim, é a mãe que insere o sujeito na privação, não se fazendo presente o tempo todo, para que na sua ausência a criança possa reivindicar sua presença. A frustração se classifica como uma falta real, mas que ocasiona um dano imaginário. Neste campo, a criança reconhece a mãe como ser de falta e se oferece como seu falo na tentativa de restituí-la. Já a castração é o intermédio do pai no encontro entre mãe, criança e falo.

Face à questão da falta existe um paradoxo, visto que é através da ausência que a falta nos completa. Se a língua fosse suficientemente estável, se o discurso fosse completo não haveria o espaço vazio por onde os sentidos podem transbordar, deslizar, desviar. Portanto, a falta serve, tanto ao sujeito quanto à língua, como o campo do possível e do impossível (FERREIRA, 2005). Neste sentido, Lacan (1992) afirma que a inserção do sujeito no campo simbólico implica a perda estrutural, na medida em que a linguagem apenas dá conta de representar o real, deixando de lado um resto que nunca é dito. “A perda de gozo engendra a falta estrutural quando da entrada na linguagem” (TEIXEIRA E COUTO, P.3, 2010). Assim, é demandada uma suplementação, pela presença ou ausência do Outro, que assume a posição de capacidade de suprir as necessidades moduladas pela linguagem.

A partir dos estudos de Lacan (1998) depreende-se que a linguagem nos humaniza. Porém, “para que seja possível falar é preciso que algo nos falte” (KUSS, P.20, 2014). Anteriormente à entrada da criança no campo simbólico suas necessidades são atendidas sem que precise formular o pedido. Então, a partir do momento em que é inserida no mundo da linguagem ocorre a perda da satisfação. A criança sai da posição em que tem tudo que quer e, atravessada pela realidade, passa a ser necessário formular a demanda para que seja atendida. A linguagem não é capaz de alcançar todo o desejo (KUSS, 2014).

É Freud (1905/1996b) que inaugura a ideia de um objeto perdido durante a infância, a qual o sujeito passa toda sua vida em busca de seu reencontro. Um dos

primeiros contatos com a satisfação é no período de amamentação, com o contato do seio da mãe, um objeto de desejo fora de si. E é a partir dessa perda que se estabelece a demanda insaciável em busca de reencontrar o objeto perdido para satisfazer seu desejo. Freud (1914/1996) também descreve as etapas do desenvolvimento psíquico. A primeira é denominada de autoerotismo, nesse momento todas as pulsões se satisfazem em si mesmo, no próprio corpo, por isso, não há investimento no mundo externo. O autoerotismo é anterior ao eu, o que leva ao próximo momento da vida psíquica, o narcisismo. Neste, os sentidos do prazer ficam reservados ao eu, enquanto as sensações de desprazer passam a se relacionar com o mundo externo.

A partir do narcisismo, a criança percebe que a perda foi instaurada e passa a viver em busca de satisfazer as suas necessidades. Enquanto essas necessidades forem atendidas, sua demanda original receberá sempre uma satisfação parcial, pois é preciso um intervalo entre a demanda e a satisfação para dar espaço a falta e, assim, possibilitar o desenvolvimento psíquico (KUSS, 2014).

A perda originária do objeto de satisfação, leva o sujeito a uma vida tomada pela falta de satisfação. O amor e desejo se diferenciam na medida em que no desejo é impossível de encontrar um objeto de satisfação, enquanto o amor em si se refere à satisfação. O desejo inaugura o sujeito enquanto humano e seres sexuais, o que nos difere dos animais. No entanto, o desejo sexual não é original do sujeito, pois, sendo o sujeito constituído pelo Outro, a falta também é transmitida pelo Outro, caracterizando o desejo na própria falta no Outro. Dessa forma, a busca sempre será por um objeto substitutivo ao objeto original perdido (KUSS, 2014).

Ainda segundo a autora supracitada, o sujeito vai em direção da busca do objeto que supostamente trará a satisfação pela, a fim de suprir a falta original. Porém, o que se encontra nunca é o que ocasionou o desejo e desse jeito o torna indestrutível, através da satisfação parcial um ciclo infundável se estabelece com o retorno do desejo, podendo reaparecer de formas diferentes. “Não há objeto que satisfaça o desejo, mas apenas objeto que o causa. Assim, o que sustenta um desejo é o impossível de satisfazê-lo. Enquanto a demanda pretende suturar a falta no Outro, o desejo pretende manter o Outro faltante” (KUSS, 2014, p.22).

Ao considerar aquilo que falta ao sujeito e que ele não sabe, Lacan (2005) assume o desejo inconscientemente constituído pelo Outro. Dessa forma, o sujeito é atravessado pela total inconsciência do seu desejo e pela inexistência de encontrar

um objeto capaz de sustentar esse desejo. A esse respeito, Viola e Vorcaro (2009) apontam as diferenças nas concepções de desejo de Hegel e Lacan. Para o filósofo Hegel, o desejo do ser humano é desejo de reconhecimento do Outro e, esse Outro, na teoria hegeliana é tomado como consciência. Já para Lacan o sujeito se insere no campo do Outro pelo significante e dividido pela inconsciência. A partir dessa cisão se inicia o contínuo movimento do desejo. E junto a esse processo de divisão e a entrada no campo da linguagem, resta um resíduo. Essa parte que sobra, que escapa do simbólico, é denominada como objeto a, o objeto perdido.

O amor

“O meu vazio, quando percebido por mim,
me faz ter vontade de ficar ainda mais vazio.
Por isso eu te peço:
Esburaca-me
Para depois me preencher
Só um pouquinho
Apenas um buraco de cada vez
Ou dois
Ou três
E então
Causa-me mais buracos
Para poder sempre
Me preencher mais
Permita que eu te esburaque também
Prometo não te preencher
Mas preciso te furar” (KUSS, 2017).

Segundo o discurso de Aristófanes, presente na obra O Banquete de Platão (2020), a humanidade era dividida não apenas em dois gêneros - homem e mulher -, mas sim três. Os andróginos eram um gênero distinto que possuíam forma e nome comuns ao masculino e ao feminino. Era um ser unificado com quatro mãos e pernas, dois rostos sobre um pescoço e uma única cabeça com quatro orelhas. Eram semelhantes em tudo, apesar de opostos, além de possuírem também os dois sexos. E então por que tal constituição de três gêneros? Pois, do Sol descendia o masculino, da Terra o feminino e o que era comum a ambos pertencia a Lua.

Os andróginos eram portadores de uma força e vigor inigualáveis e, assim, voltaram-se contra os deuses. Subiram, então, ao céu na tentativa de atacá-los.

Zeus se reuniu com os outros deuses para decidirem o que fazer com os revoltosos. Não poderiam apenas matá-los e causar o desaparecimento da espécie, pois assim os templos e honras que os homens lhes dedicavam desapareceriam. Tampouco poderiam deixá-los impunes. Após muito refletir, Zeus propôs que os cortasse ao meio, para torná-los fracos e mais úteis aos deuses, já que seriam mais numerosos. Então, cada um foi cortado e desde que nossa natureza se transformou em duas, cada parte passou a procurar sua outra metade, no anseio de unir-se a ela quando a encontrasse. Ávidos por se fundirem, nada mais queriam fazer longe da sua metade, o que os levavam à morte de fome e de inércia. Quando uma das metades morriam, a que ficava procurava uma nova e assim se destruíam. Zeus, compadecido, mudou a natureza do sexo para que após houvesse a saciedade, cada um pudesse voltar ao trabalho e as suas vidas.

E foi assim que o amor, na sua tentativa de unir as duas metades e curar os seres humanos, há muito tempo restaurou nossa antiga natureza. Cada um de nós, partidos ao meio e sendo complementar de outro ser humano, vivemos em busca de nos unir e nos confundir com o amado e de dois se tornar um só, voltando a nossa natureza quando éramos um todo. Portanto, o desejo e a busca do todo denomina-se o amor.

Lacan (1992) se utiliza da obra 'O Banquete' para entender a complexa estrutura da transferência. O conteúdo apresentado por Platão nos discursos do livro proporcionou a Lacan qualificar duas funções, a de amante e a do amado. O amante é caracterizado por aquilo que lhe falta, mesmo que ele não saiba exatamente o que é, por se referir a conteúdos do seu inconsciente, portanto se configura como sujeito de desejo. Já o amado, possui algo, que também não sabe o que é, se tornando objeto de desejo do amante (SIQUEIRA, 2014).

A história da psicanálise é fundamentada pelo conceito de transferência, em que inicialmente é tomado como um amor injustificado, mas posteriormente propicia a escuta freudiana aparentes equívocos, como lapsos, atos falhos, articulações não explícitas e passa a ser reconhecida enquanto verdade do inconsciente, ancorada no amor, no afeto e na sexualidade. Freud (1914b/1996, p. 170) relaciona o amor com a verdade transferencial quando afirma: "a transferência cria, assim, uma região intermediária entre a doença e a vida real [...]. A nova condição assumiu todas as características da doença, mas representa uma doença artificial, que é, em todos os pontos, acessível à nossa intervenção." Assim, o amor e a verdade corroboram com

a máxima freudiana de que desde a invenção do inconsciente, não somos donos de nossa própria morada (RAVANELLO E MARTINEZ, 2013).

Os autores supracitados ainda discorrem sobre o trabalho de Freud que aproxima a psicanálise à transferência e à verdade, na medida em que toma o fenômeno amoroso na transferência como experiência genuína. Freud (1915a/1996) afirma que características antigas, padrões da infância, recebem novas adições, o que caracteriza a essência do amor. Também defende as peculiaridades do amor transferencial que o distinguem do amor objetal, tido como “normal”, no que se refere a genuinidade do amor. Alega que a verdade não está restrita ao amor objetal e que o amor transferencial também pode ser genuíno.

Valencia (s.d) discute como o amor transferencial estabelece um paradoxo, pois ao mesmo tempo que proporciona a cura, também é seu maior obstáculo. O sujeito ao se deparar com seu real, demanda uma substituição que é tida através da transferência. Assim, a quem é direcionado a demanda transferencial assume a posição de substituto que possui o suposto saber (LACAN, 2012).

Atualmente, os sujeitos se relacionam de forma diferente com o saber inconsciente, conseqüentemente surgem novas condições de transferência. As redes sociais expandiram o amor transferido como substituto a suas múltiplas demandas. Devido às infinitas ofertas de produtos midiáticos, o sujeito anseia por substituições transferenciais e se contenta facilmente com muito pouco. Hoje a transferência pode ser líquida, errônea, pode conter “ódio no amor”, pode se transformar em sintoma e sofrimento, suporta o narcisismo cínico que hoje exige ainda mais satisfação, habita os sintomas que não falam ou servem como último refúgio de algumas solidões contemporâneas (VALENCIA, s.d).

Freud (1914-1916) se refere ao amor a partir da escolha do objeto. Para ele, o ser humano possui dois objetos sexuais: ele mesmo e o outro que ocupa o lugar de provedor e protetor. Com isso, se estabelece as escolhas narcísica e anaclítica. Na escolha narcísica o objeto é amado pelo o que se é, o que foi ou gostaria de ser. Na anaclítica o amor é direcionado para o que foi renunciado de parte do eu e transferido para o objeto. Assim, o objeto assume funções maternas e paternas (FERREIRA, 2010).

Freud também recorre a mais dois mecanismos de escolha do objeto amado, a idealização e a identificação. Na idealização o objeto é engrandecido e intensamente investido pelo eu, o que acarreta no empobrecimento desse eu e

também na manutenção da ligação com o objeto mesmo depois da sua perda. Já a identificação, na perda do objeto, suas propriedades são incorporadas pelo eu. Portanto, na idealização o objeto é colocado no lugar do ideal do eu e, na identificação, o objeto ocupa o lugar do eu. O reino da paixão é incorporado pela idealização, em que os encantos do objeto amado levam o amante à servidão e cegueira sem limite (FERREIRA, 2010).

Lacan (1995) retoma seus estudos à Freud e enfatiza a necessidade de distinguir o amor como paixão e como dom ativo. O amor como sentimento da paixão está inscrito nas relações imaginárias, onde as imagens do eu e do outro se misturam. O amor como dom ativo se inscreve no campo das relações simbólicas, na dimensão da palavra. A paixão, então, enxerga o outro como objeto, enquanto o amor entende o outro como sujeito (LACAN, 1975). Um terceiro elemento é inserido: a ignorância, em que o desejo de não saber está para a paixão, onde qualquer particularidade do outro deve ser apagada para a manutenção da fascinação imaginária. O dom ativo insere o amor no regime da diferença, onde dois não fazem um, mas dois (FERREIRA, 2010).

Theodor Reik amplia a visão de Freud, que afirmava que a partir da realização dos desejos infantis era possível alcançar a felicidade. Reik (1968) discorre sobre a felicidade quando os desejos infantis apenas parecem ter sido realizados. A fantasia de que o desejo infantil está sendo realizado, mesmo que modificado, traz a possibilidade de se aproximar do sentimento de felicidade. Essa felicidade é limitada a momentos efêmeros e, mesmo às vezes sendo de fácil acesso, nunca é capaz de alcançar o contentamento pleno e duradouro.

Segundo Kuss (2014), é a partir de como a sexualidade é estruturada na infância que todas as relações futuras do sujeito serão influenciadas. Desse modo, aprendemos a amar, pois dependemos do outro e tentamos evitar o desamparo. Assim, o amor e as pulsões se divergem, na medida em que o amor segue no caminho da totalidade, enquanto a pulsão se satisfaz na própria impossibilidade de realização do desejo, sendo sempre parcial. Entende-se, então, a parcialidade da pulsão pois sempre pretende retornar ao circuito, e para isso seu objetivo é errar o alvo. Lacan (1988), descreve a estrutura do amor, referenciando-se a Freud (1915/1996a), dividindo-a em três níveis. O nível do real, que diferencia o que interessa e o que indefere ao sujeito; o nível do econômico, aquilo que proporciona

prazer e o que proporciona desprazer; e o nível do biológico, a oposição entre atividade e passividade.

Freud (1914/1996) discorre sobre a relação entre o recebimento de amor e a autoestima. A autoestima é dividida em três partes. A primeira é o resíduo do narcisismo infantil, depois a realização do ideal do eu e por fim a satisfação da libido objetual, sendo nesta última capaz de entender que o sujeito ama no outro aquilo que lhe falta. O sujeito quando ama direciona um investimento libidinal ao objeto amado, ele abre mão de parte do seu narcisismo, o que acarreta na diminuição da autoestima do amante, que só pode ser recuperada através do amor de outra pessoa por ele. Assim, a autoestima está relacionada ao componente narcísico do amor. O que nos leva a concluir a insuficiência de amar, é preciso que o amante também seja amado pelo objeto de amor para que sua autoestima seja elevada (KUSS, 2014).

Lins (2017) afirma que na verdade as pessoas amam estar amando e se apaixonam pela paixão mais do que pelo sujeito.

Basta encontrar quem corresponda mais ou menos ao que se deseja e pronto: inventa-se uma nova paixão e até se sofre por ela. Mas o sofrimento não é problema: pode ser estancado de imediato. É só aparecer outro alguém que a transferência do amor logo acontece (LINS, P.26, 2017).

Isso se dá pela sedutora proposta do amor romântico que promete suprir todas suas necessidades e um “felizes para sempre”.

O amor, porém, por ser histórico, é uma construção social e aparece em meio as épocas e culturas sob várias formas, significados e valores. “Os seres humanos têm a capacidade de criar laços, de demonstrar afeto, de amar. Mas o que chamamos de amor não existiu desde sempre, tampouco está presente em todos os contextos” (LINS, 2017, p.26). Na pré-história foi identificado o primeiro *Homo sapiens* no período Paleolítico superior, há cerca de 35 mil anos. Nessa época era desconhecido a associação entre sexo e procriação. A fertilidade era exclusivamente feminina e o homem não imaginava fazer parte do nascimento de uma criança. Assim, à mulher era designado os poderes que governam a vida e a morte. A mãe se estabelecia, então, como personagem central da sociedade. A mulher e a Deusa eram as mais poderosas no imaginário da época (LINS, 2007).

Porém, mesmo com os indícios da mulher ter mais poder que o homem, não havia submissão. Não existia ainda a ideia de casal, o matrimônio era grupal e cada

mulher pertencia igualmente a todos os homens, e cada homem, a todas as mulheres. As crianças também possuíam vários pais e várias mães e a linhagem era unicamente materna (LINS, 2007). Com o avançar da sociedade medieval e as fortes imposições da igreja, foi se estruturando a moral definida a partir dos papéis de gênero e a feminilidade passa a ser vista a partir das representações de Eva, como pecadora e culpada, e também a Virgem Maria, como santa e assexuada. Portanto, o corpo feminino se torna útil e eficiente na medida em que se mantém dócil e submisso (SILVA E MEDEIROS, 2013), o que, segundo Georges Duby (1989) caracteriza a Idade Média como a “idade dos homens”.

Segundo Barros (2015) é a partir do século XI, no Ocidente Europeu, que se desenvolve o amor cortês. No contexto do trovadorismo medieval, o amor cortês vem clamar pela autonomia dos sentimentos, frente aos rigores da racionalidade, os controles da igreja e os poderes conservadores da família e da sociedade. Esta forma de amor representa uma revolução imaginária e uma crítica velada aos costumes e padrões da época. “O Amor Cortês, em suma, deleita mas faz sofrer, aprimora mas fragiliza, erotiza mas idealiza, educa mas enlouquece, submete mas enobrece.” (BARROS, 2015, p. 221). O amor cortês era palaciano e foi a primeira manifestação do amor recíproco. Porém, com o feudalismo e o casamento restrito apenas para perpetuar as heranças familiares, deu-se início aos amores inacessíveis e impossíveis (LINS, 2017).

A autora continua o apanhado histórico da construção do amor, quando no século XVI, no Renascimento, a mulher passa a ser contemplada e ocupa uma posição de divindade, sendo reverenciada quase religiosamente. E então começam a surgir questionamentos sobre o amor e as mulheres passam a ser divididas entre santas e pecadoras. Com a chegada do Iluminismo no século XVIII, o amor decai e as emoções perdem prestígio na Idade da Razão, em que o intelecto domina as ações dos homens. A partir do século XIX a sensibilidade retorna gradativamente e começa a adentrar nos casamentos e, na atualidade do mundo Ocidental, todos anseiam pelo amor romântico. Após a Segunda Guerra Mundial, observou-se comportamentos libertários entre os jovens e, aliado ao cenário crítico, a preparação do terreno para uma Revolução Sexual, em que os valores antigos vêm sendo profundamente questionados (LINS, 2017).

A proposta do amor romântico é muito sedutora. Todos querem encontrar a solução de seu desamparo na relação com o outro. Porém, a entrada no século XXI,

com tantas ofertas de estilos de vida, é marcada com um grande dilema: homens e mulheres desejam estabilidade nas relações amorosas ou liberdade? (LINS, 2003). É proposto por Badinter (1980) nosso triplo desafio: conciliar o amor próprio e o amor pelo outro, negociar os dois desejos - de simbiose e de liberdade - e adaptar nossa dualidade à do dualidade do outro.

No passado éramos seduzidos pela ideia de possessão e sacrifício pelo outro. Estar apaixonado era sinônimo de prisão. Agora, vem surgindo gradativamente uma nova dimensão do amor, em que é proposto maior troca e equilíbrio, sem sacrifícios. Para aqueles que desejam se relacionar de maneira autêntica e viver de forma mais independente, o amor romântico passa a não ser mais suficiente e suas fantasias de dependência começam a decair. O amor romântico sai de cena levando consigo a idealização do par romântico, a crença de que os dois se transformam em um só e, conseqüentemente, a exclusividade. Muitos, hoje, buscam por novas formas de amar, e com a história da nossa civilização fica claro que já foi possível um dia, e pode voltar a ser (LINS, 2007).

Novos mundos, novos sujeitos, novas emoções. No momento, estamos, pouco a pouco, aceitando que a experiência amorosa é fugaz e seu destino é a provisoriedade. Resta saber, portanto, para onde vai migrar a vontade de ir além do bom senso, o desafio de realizar o impossível ou o ímpeto de vencer a brevidade, em matéria de felicidade emocional. O amor romântico encarnava essas promessas. Em sua ausência, quem ou o que vai se ocupar do sentido da vida de cada dia ou da fantasia da redenção afetiva? Ainda o mesmo amor? Outras formas de amar? Ou outras maneiras de criar um mundo emocional sem a onipresença do romantismo? Difícil de responder; impossível não querer responder; a cada um a tarefa de procurar responder (COSTA, 2000).

Conclusão

“Não pise no meu vazio,
Não o preencha.
Vista-se de vazios quando vier me ver.
Se enfeite de furos,
Me conquiste com sua faltas,
Me deixe sentir a sua falta.
Não se assuste.
Não se engane.
Eu não quero o que você tem para me oferecer,
Eu quero o que você não tem para me oferecer.
Eu quero ser o seu vazio” (KUSS, 2017).

Pôde-se apreender, em retorno da obra de Platão (2020) que o amor é uma representação antiga, que desde o início dos tempos foi atribuída à felicidade e virtude. A forma como as relações se estruturam desde a infância, vai ser responsável por como as relações na vida adulta vão se manifestar. Com isso, já somos inseridos no campo simbólico carregado pelas fortes crenças culturais de como funciona o mecanismo de amar e ser amado.

A presente pesquisa pôde ampliar a compreensão sobre a falta original, a partir do resgate dos estudos sobre a inserção da linguagem na constituição humana. Desde que somos inseridos no campo simbólico da linguagem estaremos fadados a viver em busca desse objeto de desejo, até então desconhecido. O processo de castração também possui grande importância no desenvolvimento psíquico, para que o sujeito se dê conta que essa falta existe e que nada externo a ele será capaz de completá-lo.

Com o advento das novas tecnologias midiáticas, que são a base da sociedade contemporânea, as posições de amante e amado se tornam ainda mais problemáticas. As redes sociais propiciam uma exacerbada oferta e, por conseguinte, exigem um alto nível de retorno dos usuários. Assim, os sujeitos se vêem ainda mais coagidos a atenderem as demandas externas para se sentirem pertencentes e esperam encontrar também a satisfação para suas necessidades nas promessas externas. É então que entendemos o amor como agente substituto e que coloca o outro na posição de detentor de algo que ambos, amante e amado, desconhecem.

Diante disso, foi possível perceber como o amor se desenvolveu e se ressignifica de acordo com as épocas e culturas das nossas sociedades. Hoje

vivemos um momento de transição e quebra de antigos paradigmas que visavam direcionar a conquista da felicidade, completude e realizações a partir do encontro com o outro, enquanto atualmente o forte movimento de individualização leva os sujeitos a retornarem a si mesmos. Assim, pôde-se alcançar como as antigas formas de se relacionar em nossa cultura ocidental desencadeiam sofrimentos devido às ilusões de preenchimento dos vazios, o que torna as relações mais efêmeras e superficiais. A contemporaneidade, por outro lado, chega com a proposta de aceitação das individualidades e vem na tentativa de retirar a responsabilidade do outro em suprir demandas para as quais não há objetos reais do desejo.

O novo ideal de amor já vem sendo difundido em múltiplos canais de comunicação e alcança os mais diversos públicos, despertando reflexões, questionamentos e, como qualquer tipo de mudança, muita resistência também. As produções literárias também vêm ganhando espaço nesse movimento. Porém, há um déficit nas literaturas acadêmicas, que se atém muito às antigas estruturas e necessitam explorar mais as diversas formas de se relacionar que não se baseiam mais na submissão e sacrifício para se tornar objeto de desejo do outro. Ficou claro que já foi possível viver assim no início das sociedades. Então, com maiores aprofundamentos nas transformações e adaptações dos relacionamentos atuais, mais pessoas poderão aderir à busca da sua melhor forma de estar nas relações.

Referências

BADINTER, E. Um amor conquistado - O mito do amor materno. Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 1980. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/Badinter,%20Elisabeth%20O%20Mito%20do%20Amor%20Materno.pdf> Acesso em: 04 mai 2023.

BARROS, J.A. A poética do amor cortês e os trovadores medievais - caracterização, origens e teorias. Aletria, v.25, n.1. Belo Horizonte. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18634/15469> Acesso em: 24 mai 2023.

COSTA, J. C. Milênio para iniciantes: amor. Folha de São Paulo. 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3112200003.htm> Acesso em: 04 mai 2023.

DUBY, Georges. Idade Média, Idade dos Homens: do amor a outros ensaios. Cia das Letras. São Paulo. 1989. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/80179.pdf> Acesso em: 24 mai 2023.

FERREIRA, M. C. L. Linguagem, Ideologia e Psicanálise. Estudos da Língua(gem). Vitória da Conquista. 2005. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/979/835> Acesso em: 27 set 2022.

FERREIRA, N. P. A infinidade de amores na dor do existir. Grupo Cult. São Paulo. 2010. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/a-infinidade-de-amores-na-dor-de-existir/> Acesso em: 2 fev 2023.

FERREIRA, N. P. A teoria do amor. Psicanálise. Passo a passo 38. Zahar. Rio de Janeiro. 2004.

FREUD, S. A interpretação dos sonhos. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. IV. 1900. Disponível em: <https://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-04-1900.pdf> Acesso em: 27 set 2022.

_____. Observações sobre o amor transferencial (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III). Rio de Janeiro: Imago, 1915a/1996. Disponível em: <https://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-12-1911-1913.pdf> Acesso em: 27 set 2022.

_____ Sobre o narcisismo: uma introdução. Companhia das Letras. São Paulo. 1914/1916. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/12900.pdf> Acesso em: 27 set 2022.

_____ Recordar, repetir e elaborar. Imago. Rio de Janeiro. 1914b/1996.

_____ O instinto e suas vicissitudes. Imago, v.14. Rio de Janeiro. 1996a.

_____ O Mal-Estar na Civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. Companhia das letras. São Paulo. 1930. Disponível em: <https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2013/10/freud-obras-completas-vol-18-1930-1936.pdf> Acesso em: 27 set 2022.

_____ Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Companhia das Letras. São Paulo. 1905/1996b. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/14199.pdf> Acesso em: 13 abr 2023.

KUSS, A.S.S. Amor de desejo: um estudo psicanalítico. Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/37140/R%20-%20D%20-%20ANA%20SUY%20SESARINO%20KUSS.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 2 fev 2023.

KUSS, A. S.S. Não pise no meu vazio. Patuá. São Paulo. 2017.

LACAN, J. A significação do falo. Em Lacan, J. Escritos I. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 1998. Disponível em: http://www.sbpcdem.com/uploads/2/3/1/1/23113078/escritos_-_jacques_lacan.pdf Acesso em: 13 abr 2023.

_____ O Seminário. Livro 1: os escritos técnicos de Freud. Jorge Zahar. Rio de Janeiro. 1975. Disponível em: <https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Jacques-Lacan-O-seminario-Livro-1-Os-escritos-tecnicos-de-Freud.pdf> Acesso em: 03 mai 2023.

_____ O Seminário, livro 4: a relação de objeto. Jorge Zahar. Rio de Janeiro. 1995. Disponível em: <https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Jacques-Lacan-O-seminario-Livro-4-A-relacao-de-objeto.pdf> Acesso em: 03 mai 2023.

_____ O seminário, livro 8: a transferência. Rio de Janeiro: Zahar. 1992. Disponível em:

<http://clinicand.com/wp-content/uploads/2020/06/08-LACAN-Jacques.-O-semin%C3%A1rio-livro-8.-A-transfer%C3%AAncia-1960-61.pdf> Acesso em: 13 abr 2023.

_____ O seminário: Livro 10: A angústia. Jorge Zahar. Rio de Janeiro. 2005. Disponível em:

<https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2017/08/lacan-o-seminacc81rio-livro-10-a-angucc81stia.pdf> Acesso em: 13 abr 2023.

_____ O seminário. Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. 1964. Jorge Zahar. Rio de Janeiro. 1988. Disponível em: <https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Jacques-Lacan-O-seminario-Livro-11-Os-quatro-conceitos-fundamentais-da-psicanalise.pdf> Acesso em: 03 mai 2023.

_____ O seminário. Livro 17: o avesso da psicanálise (A. Roitman, Trad.). Jorge Zahar. Rio de Janeiro. 1992. Disponível em: <http://clinicand.com/wp-content/uploads/2020/06/17-LACAN-Jacques.-O-semin%C3%A1rio-livro-17.-O-avesso-da-psican%C3%A1lise-1969-70.pdf> Acesso em: 13 abr 2023.

_____ Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. Em Lacan, J. Escritos I. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed., 1998. Disponível em:

http://www.sbpcedem.com/uploads/2/3/1/1/23113078/escritos_-_jacques_lacan.pdf
Acesso em: 13 abr 2023.

_____ Outros escritos. Jorge Zahar Rio de Janeiro. 2003. Disponível em: <https://conexoescnicas.com.br/wp-content/uploads/2017/09/Jacques-Lacan-Outros-Escritos.pdf> Acesso em: 13 abr 2023.

LEITE, J. Dimensões do amor. Ágora. Rio de Janeiro. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/FkY4VpCj6LvcVDJsC7954NG/?lang=pt#:~:text=Na%20obra%20freudiana%2C%20o%20amor,a%20primeira%20configura%C3%A7%C3%A3o%20do%20amor> Acesso em: 28 set 2022.

LINS, R.N. Novas formas de amar. Editora Planeta do Brasil. São Paulo. 2017.

LINS, R.N. A cama na varanda: arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo: novas tendências. Ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro. 2007.

LONGO, L. Linguagem e psicanálise. Passo a passo 64. Zahar. Rio de Janeiro. 2006. Disponível em: <https://psiligapsicanalise.files.wordpress.com/2014/09/leila-longo-linguagem-e-psicancc3a1lise.pdf> Acesso em: 25 jan 2023.

PLATÃO. O Banquete. Principis. São Paulo. 2020.

RAVANELLO, T., MARTINEZ, M. C. Sobre o campo amoroso: um estudo do amor na teoria freudiana. Cad. psicanal. vol.35 no.29 Rio de Janeiro. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952013000200010#6b Acesso em: 13 mar 2023.

REIK, T. A necessidade de amor. IBRASA. V-23. São Paulo. 1968.

SILVA, A.C., MEDEIROS, M.M. Sexualidade e a história da mulher na idade média: a representação do corpo feminino no período medieval nos séculos X a XII. Revista Eletrônica História em Reflexão: Vol. 7 n.14. UFGD – Dourados. 2013. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/2946/1635> Acesso em: 24 mai 2023.

SIQUEIRA, E. A metáfora do amor. Opção Lacaniana online nova série. Ano 5 • Número 15. 2014. Disponível em: http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_15/A_meta_fora_do_amor.pdf Acesso em: 2 fev 2023.

TEIXEIRA, V. L., COUTO L. F. S. A cultura do consumo: uma leitura psicanalítica lacaniana. Psicologia em Estudo, v. 15, n. 3, p. 583-591. Maringá. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/pSw98rvx5VmLVpVqMwyjwKH/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 27 set 2022.

TOREZAN, Z. C. F., AGUIAR F. O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade. Rev. Mal-Estar Subj. vol.11 no.2. Fortaleza. 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482011000200004#:~:text=vol.,2%20Fortaleza%202011&text=Este%20artigo%20objetiva%20conceituar%20sujeito,o%20conv%C3%ADvio%20social%20na%20atualidade. Acesso em: 27 set 2022.

VALENCIA, J.F.V. Amor de transferência: uma substituição não tão rara. ENAPOL. S.D. Disponível em: https://enapol.com/x/blog/portfolio-items/el-amor-de-transferencia-una-suplencia-no-tan-rara/?portfolioCats=30#_ftnref5 Acesso em: 24 abr 2023.

VIOLA, D.T.D., VORCARO, A.M.R. A formulação do *objeto a* a partir da teorização lacaniana acerca da angústia. Rev. Mal-Estar Subj. vol.9 no.3 Fortaleza. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-6148200900030006 Acesso em: 3 fev 2023.